



IMAGEM E PODER: A SIMBOLOGIA POR TRÁS DE CARLOS BOLSONARO NA POSSE DO PRESIDENTE

Deysi Cioccarì¹

Simonetta Persichetti²

RESUMO: Esse artigo analisa a simbologia por trás da imagem do vereador Carlos Bolsonaro (PSC-RJ), filho do presidente Jair Bolsonaro, na posse de seu pai como presidente da República em 1 de janeiro de 2019. O vereador desfilou no rolls-royce numa explicitação do complexo jogo de relações que define seu sentido, muito além da mera imagem do dia da posse. Analisamos a imagem fotográfica do dia da posse em comparação com todas as posses dos presidentes eleitos desde a redemocratização do país, em 1985. Entendemos que o filho do presidente cumpre um papel importante nessa lógica de guerra cultural, típica das redes sociais. Há coisas duras que um presidente não pode dizer. É útil ter quem diga por ele. Assim, o presidente se preserva (ou deveria), adotando tom mais moderado (deveria), como pede o cargo, mas tem um aliado estratégico. Como referencial teórico utilizamos Jacques Rancière e Maria Helena Weber.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação. Política. Imagem.*

ABSTRACT: This paper analyzes the symbology behind the image of the city councilman Carlos Bolsonaro (PSC-RJ), son of President Jair Bolsonaro, in the possession of his father as president of the Republic on January 1, 2019. The councilman paraded in the rolls-royce in an explication of the complex game of relations that defines its meaning, far beyond the mere image of the day of possession. We analyzed the photographic image of the day of the possession compared to all the possessions of the presidents elected since the country's re-democratization in 1985. We understand that the president's son plays an important role in this logic of cultural war, typical of social networks. There are hard things a president cannot say. It is helpful to have people say for it. Thus, the president preserves himself (or should), adopting a more moderate tone (should), as he requests the position, but has a strategic ally. As a theoretical reference we use Jacques Rancière and Maria Helena Weber.

KEYWORDS: *Communication. Politics. Image.*

¹ Pós-doutora em Comunicação pela Faculdade Casper Líbero: E-mail: deysicioccarì@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Casper Líbero. E-mail: s.persichetti@gmail.com

1. Introdução

A disputa pelo acesso a um posicionamento central no espectro político não limita-se somente a uma conquista de cargo eletivo. Luis Felipe Miguel e Flavia Birolli (2010, p. 696) apontam para o fato de que uma derrota eleitoral numa disputa importante pode gabaritar a posição de líder, com maior peso nas negociações políticas, mais do que a conquista de um cargo de menor expressão. Assim, os agentes no campo político lutam pela ampliação de seu “capital” – entendido como o reconhecimento, pelos pares, de sua relevância naquele universo – o que inclui a obtenção de cargos, mas não se confunde com ela. Miguel e Birolli (2010) apontam que esse representante se afirma como tal por se constituir em porta-voz de determinados setores sociais, reconhecido pelos seus representados e pelos outros agentes políticos – o que também não se confunde necessariamente com o exercício de um mandato formal. Ainda como apontam os autores, a concorrência entre os agentes no campo político é uma concorrência pelo direito de falarem em nome de outros. Um componente importante para a obtenção desse direito é a visibilidade social. Nas sociedades contemporâneas, a mídia é o principal espaço de produção dessa visibilidade. O fato de que as ações dos políticos sejam potencialmente visíveis age sobre apolítica mesmo quando o noticiário atinge um público restrito ou tem pouco impacto sobre as percepções do público. Por isso, é possível dizer que a visibilidade é um elemento importante por si mesmo (SCHUDSON, 1995, p. 24-25), definindo uma lógica que precede suas peculiaridades em contextos específicos.

O objeto dessa pesquisa, o vereador Carlos Bolsonaro (PSC-RJ), filho do presidente eleito em 2018, Jair Bolsonaro (PSL-RJ), não possui mandato formal na presidência do país e não tem a visibilidade social requerida para falar em nome dos outros, principalmente quando esse outro é o presidente da República. Mas desde a campanha eleitoral em 2018, quando coordenava as mídias digitais de Jair Bolsonaro, foi Carlos quem falou em nome do então candidato e desde a posse adquiriu visibilidade por meio de seu poder ordenado pelo pai. E, no dia 1 de janeiro de 2019, data da posse do presidente, foi Carlos quem esteve no rolls-royce desfilando com seu pai e a primeira-dama, Michelle Bolsonaro. A simbologia por trás dessa imagem diz mais sobre o atual

governo do que qualquer outra imagem da posse. Como afirma Rancière (2009), tomar a imagem pelo que ela possui meramente de visual significa desconsiderar o complexo jogo de relações que define seu sentido e sua especificidade na esfera social. Rancière não vê qualidades particulares intrínsecas às imagens que seriam dadas pelo meio técnico que as produziu, mas busca compreendê-las dentro de um sistema que as produziu. O fenômeno típico da sociedade de massas, a estetização da política faz da imagem midiática uma tecnologia eficaz de poder mas também, com o aparente desmoronamento da experiência estética politizada, a experiência inovadora desse movimento estético permanece, muitas vezes, como uma nostalgia. Nesse registro, não há dúvidas, o binômio estética/política aparece sob a capa de uma leitura desencantada, quando não apocalíptica, pois escancara a flexibilidade do capital, sua resistência ideológica, sua inteligência ao mesmo tempo “estética” e “política”. Maria Helena Weber, na mesma linha, argumenta que “relacionada à memória, ao olhar, ao pensamento, ao espaço onírico, a imagem é significação, emoção e estética” (2004, p. 261).

A imagem pública é resultante da imagem conceitual, emitida por sujeitos políticos em disputa de poder e recuperada na soma das imagens abstratas (o intangível, a imaginação), com as imagens concretas (o tangível, os sentidos) (Weber, 2004, p. 262).

E é exatamente isso que buscamos com esse trabalho: entender a simbologia por trás da imagem de Carlos Bolsonaro, que não limita-se somente ao dia da posse. A simbologia por trás da imagem da posse vai além da fotografia em si. Ela é um conjunto de posições e discursos que reverberam desde o período da campanha. Entender seu lugar ocupado na cena política brasileira e a formação de sua imagem além do aspecto político envolvendo o social e o estético é a premissa desse trabalho. Nesse artigo, analisaremos a imagem de Carlos Bolsonaro no dia da posse e sua simbologia. Para entendermos melhor esse complexo jogo de poder, comparamos a imagem fotográfica do dia da posse, de Carlos no rolls-royce presidencial, com as imagens de posse de todos os outros presidentes pós-redemocratização do país, ou seja, a partir de 1985. Entendemos, por fim, utilizando os conceitos de Rancière e Maria Helena Weber, que a imagem quando utilizada com criticidade pode ser uma antípoda ao regime ideológico propagado pela

mídia que faz crer num consenso ideológico dominante. Carlos Bolsonaro, chamado pelos próprios irmãos (um deputado federal e outro senador) de “pitbull da família”, é na verdade, com a anuência do pai, o presidente do país, o estrategista da comunicação oficial da presidência. Há argumentos mais contundentes que um presidente não pode dizer. É estratégico ter quem diga por ele. Assim, o presidente se preserva (ou ao menos deveria), adotando tom mais moderado, como pede o cargo, mas tem um aliado fundamental cumprindo uma função importante dentro do plano de comunicação do governo.

Entendemos que Carlos Bolsonaro tem sua credibilidade ocupada pela legitimidade de seu “lugar de fala”, do poder que lhe foi atribuído e de sua imagem construída estrategicamente desde a campanha eleitoral de 2018. Esse trabalho analisa a simbologia de Carlos Bolsonaro, filho do presidente, sem cargo oficial na presidência, nas relações de poder da política brasileira.

2. Imagem: entre a política e a estética

Rancière (2010) afirma que há uma tentativa de se evidenciar que imagens e obras artísticas são políticas, sobretudo devido às mensagens que desejariam transmitir, enfatizando estigmas de dominação, questionando estereótipos, convocando os espectadores a assumirem uma postura de indignação. O autor afirma que a política não pode ser identificada como uma instrução fornecida pelas imagens e obras artísticas para a indignação, o assombro, a contestação da injustiça, o compadecimento ou mesmo horror. O problema, segundo ele, está na crença em uma continuidade imediata entre os conteúdos de determinada imagem e as formas do pensamento sensível que se estabelecem na recepção. Como se houvesse um roteiro previamente estabelecido de leitura, interpretação e posicionamento diante das imagens. Trabalhamos aqui com a ideia de que a imagem não é tão somente um guia para a ação política e nem um instrumento de conscientização massiva. Ela nunca é simples realidade, mas antes um jogo de manifestação e ocultamento, um conjunto de relações entre o dizível e o visível. A imagem não é simplesmente o visível. Ela “é uma ação que coloca em cena o visível, um

nó entre o visível e o que ele diz, como também entre a palavra e o que ela deixa ver” (Rancière, 2008, p.77). Entendemos que torna-se impossível antecipar uma reação ou um padrão de decodificação para as fotografias, afinal elas não estão dentro de um padrão já estabelecido apenas para ser desconfigurado. A fotografia atrai novos significados e coloca em jogo a própria representação.

Para Rancière (2010), a arte se encontra com a política quando ocorre a quebra da ordem normativa de consenso. Quando a percepção dominante é desafiada. A presença do vereador e filho do presidente Jair Bolsonaro (PSC-RJ), Carlos Bolsonaro, no desfile da posse, em 1 de janeiro de 2019, no rolls-royce, diz muito mais do que a imagem oferece. Carlos Bolsonaro está em seu quinto mandato como vereador do Rio de Janeiro. Filho do presidente eleito Jair Bolsonaro foi o responsável pelas mídias sociais do pai durante a campanha eleitoral de 2018. As redes sociais tiveram grande importância na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, visto que ele tinha apenas oito segundos de propaganda de televisão e vindo de um partido minúsculo, o PSL. Uma pesquisa da Datafolha, divulgada em outubro de 2018, identificou que os eleitores de Bolsonaro tinham o índice mais elevado de usuários de alguma rede social (81% contra 59% para Fernando Haddad, PT, opositor de Bolsonaro nas eleições). A campanha de primeiro turno do presidencial havia quebrado quase todas as regras de marketing político, quando ele utilizou imagens não fabricadas, abriu mão de um marqueteiro e abusou da informalidade. Quando foi para o segundo turno foi ainda mais radical. Ao evitar a ida aos debates e aos eventos de rua com os argumentos de recuperação do atentado à faca e do receio de “ações terroristas”, o capitão reformado Jair Bolsonaro mostrou mais uma vez a força das redes sociais. Se tudo parecia improvisado, o crescimento consolidado a cada pesquisa mostrou um preparo na comunicação poucas vezes visto num candidato. O aparente amadorismo foi capaz de angariar apoios e colaboradores espontâneos. Isso tudo comandado pelo filho Carlos, que além de coordenar a comunicação do pai, não escapou de atritos com integrantes da campanha³. Carlos foi cotado para chefiar a Secretaria de Comunicação do governo, mas após críticas de nepotismo, manifestou-se dizendo que

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/12/atuacao-intensa-dos-filhos-de-bolsonaro-preocupa-equipe-do-presidente-eleito.shtml> Acesso em: 15 março 2019.

deixaria, inclusive, a comunicação das redes sociais do pai. Mas desde que deixou de atualizar as contas do presidente eleito nas redes sociais, Carlos intensificou as críticas à imprensa, a quem culpa por ter seu plano frustrado. "Quem é o próximo cotado para assumir algum posto, querida mídia?", escreveu o vereador em 23 de novembro de 2018, em seu perfil no Twitter. Na época, foi indicado o nome de Gustavo Bebianno como ministro-chefe da Secretaria-Geral, que deveria abrigar a Secom. Ao contrário do que aconteceu com os outros 12 ministros, sua escolha foi a única não divulgada por Bolsonaro nas redes sociais. Bebianno e Carlos travam uma batalha desde a campanha, e a escolha do advogado para a Secretaria-Geral intensificou o mal-estar. Outra desavença envolveu Julian Lemos, deputado federal eleito, membro da equipe de transição e ex-dirigente do PSL. Carlos Bolsonaro publicou em seu Twitter que Lemos estaria se "colocando como coordenador de Jair Bolsonaro no Nordeste", função que Carlos disse que ele nunca teve. "Não é e nunca foi! Senhor Julian Lemos [marcando o perfil], quem elegeu Bolsonaro foram pessoas que, em nenhum momento, pleiteiam algo a mais, a não ser um Brasil melhor! Sugerimos parar de aparecer atrás dele por algum motivo como faz sempre!"

37

E, foi justamente Carlos quem desfilou no rolls-royce, no dia da posse, em 1 de janeiro de 2019.

Figura 1- Desfile na posse do presidente Jair Bolsonaro



Foto: Agência Brasil

Weber (2004) afirma que lapidar a imagem pública pode significar a simplificação ou a potencialização da ideia publicitária do estilo pessoal ou o modo de governar, como a diferença eficaz de atrair e enredar.

A imagem pública da política é um texto aberto que produz uma semiose decorrente do resultado, primeiro individual e depois coletivo, da recepção e da apreensão de informações e códigos que encontrarão ressonância ou rejeição, ao serem processados e combinados com outras imagens e símbolos armazenados pelas culturas, histórias, concepções de vida e projeto político, do indivíduo e do grupo (p.273).

Segundo informações publicadas na coluna do *O Estado de S. Paulo* em 3 de janeiro, Carlos Bolsonaro pediu para acompanhar o pai no rolls-royce porque temia pela segurança do presidente durante o desfile. Disse que estava com um “sentimento ruim” e queria estar perto. Já no dia 2 de janeiro, o presidente posta em seu Twitter uma referência a um post do filho Carlos, em que critica a mídia. Desde a campanha eleitoral Carlos Bolsonaro fala pelo pai. Sem sua anuência, a influência do vereador não continuaria. E é essa a mensagem que percebemos na imagem da Agência Brasil do desfile oficial. Carlos, descontraído, indica quem é a segunda voz no governo. O vice-presidente, general Hamilton Mourão, desfilou em outro carro, acompanhado da esposa.

38

Figura 2 – Twitter Jair Bolsonaro



Fonte: Twitter

As reações não demoraram, e o irmão, Eduardo Bolsonaro, recorreu às redes para defender o vereador.

Figura 3- Twitter Eduardo Bolsonaro



Fonte: Twitter

Num comparativo com as outras posses de presidentes no período pós-redemocratização, apenas Dilma Rousseff levou sua filha no rolls-royce, num contexto que analisaremos a seguir.

O primeiro presidente eleito após a redemocratização, em 15 de março de 1990, foi Fernando Collor de Mello, que quando assumiu levou Itamar Franco, então seu vice, a seu lado. Havia grandes dúvidas sobre os rumos de seu governo, devido à falta de uma sólida base de apoio no Congresso e à predominância de nomes desconhecidos em sua

equipe de governo. Fernando Collor de Mello foi o mais votado no primeiro turno, favorecido pela juventude, pela imagem de político enérgico e renovador, proporcionada pela fama de “caçador de marajás” (funcionários públicos com altos salários) e por seus duros ataques ao desgastado governo Sarney. Derrotou Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno, numa campanha muito radicalizada. Collor não era o passado. Era o futuro, era a esperança para milhões de eleitores.

Figura 4 – Desfile posse Fernando Collor de Mello



Fonte: FolhaPress

Quando Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP) assumiu preferiu ter no veículo apenas o vice, Marco Maciel (DEM-SP). Em matéria do jornal *Folha de S. Paulo* de 2 de janeiro de 1995: “Só na catedral, quando FHC e seu vice, Marco Maciel, passaram para o rolls-royce da Presidência, é que Ruth Cardoso ficou separada do marido, seguindo com Anna Maria Maciel para o Congresso. Fernando Henrique e Ruth e Marco e Anna Maciel subiram lado a lado a rampa do Congresso. Acompanhando os dois casais, estavam os presidentes da Câmara, Inocêncio Oliveira (PFL-PE) e do Senado, Humberto Lucena (PMDB-PB)”. Marco Maciel, falecido em 2018, foi tratado como “vice dos sonhos” pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Figura 5- Desfile posse Fernando Henrique Cardoso



Foto: Luís Tajés/CB/D.A Press

Lula, na posse do primeiro mandato, levou José Alencar, o vice, a seu lado. Essa foi a primeira vez em 42 anos que um presidente eleito pelo voto direto passou o cargo a outro presidente também eleito pelo voto direto, e apenas a segunda vez que Brasília é palco da cena, no caso FHC para o Lula. A última vez que isso ocorreu foi em 1960, logo depois da inauguração da cidade, quando Juscelino Kubitschek deu lugar a Jânio Quadros.

Ao assumir o segundo mandato, Lula seguiu com a mulher, Marisa Leticia, no rolls-royce. Praticamente colado a esse carro, em outro veículo, vinha o vice José Alencar e sua esposa. A relação entre os dois, como a história nos mostrou, sempre foi amistosa.

Figura 6- Desfile posse Luis Inácio Lula da Silva – primeiro mandato



Fonte: Agência Brasil

Figura 7- Desfile posse Luis Inácio Lula da Silva – segundo mandato

42



Fonte: EFE/ Antonio Lacerda

Fazendo um retrospecto, apenas um presidente levou um filho no rolls-royce: Dilma Rousseff.

Figura 8- Desfile posse Dilma Rousseff



Foto: Roberto Stuckert Filho

Dilma Rousseff foi menos reverente ao vice. Preferiu levar Paula, a filha, a seu lado, no carro de destaque. Atrás, em outro veículo, um Cadillac, estavam Michel Temer, o vice, acompanhado de Marcela, sua mulher. Dilma, como mencionado anteriormente, foi a única presidente a levar um filho no carro consigo, além de Bolsonaro, em 2019. A simbologia nesse caso, é totalmente diferente.

Dilma e sua filha não tiveram relação alguma durante os anos de poder da presidente. A simbologia maior fica por conta de seu vice, Michel Temer, no carro atrás, com a esposa Marcela. A aliança PT e PMDB na campanha de 2010 foi vista com desconfiança, desde quando Michel Temer foi oficializado o nome do partido para a chapa de Dilma. Temer afirmou ainda que na condição de vice na chapa de Dilma, o PMDB não vai se limitar a participar do governo, e sim governar o Brasil. Ele disse ainda que o partido não vai apenas fazer parte do governo e sim governar o país. “O PMDB não está fazendo ajuntamento de pessoas, está fazendo ajuntamento de ideias. O PMDB será protagonista, ator principal”, disse. “Deus me deu a oportunidade de presidir o

PMDB num momento de unidade e num momento em que o PMDB não vai apenas participar do governo, vai governar o país”, declarou⁴. O ex-presidente Lula não queria Temer como vice, e sim, o então ministro da Defesa, Nelson Jobim.

Boris Kossoy (2005) afirma: a “fotografia é memória e com ela se confunde” e também é produtora de múltiplas realidades que são invocadas em uma bricolagem de imagens. De uma “foto” podemos inferir não só o sentido de existência, de algo que existiu e posou para uma objetiva, que a priori nos torna mais elegível, mas também nos convida a embarcar em uma viagem imaginária no tempo onde a “história particular de cada um é restaurada e revivida na solidão da mente e dos sentimentos” (Idem, 2005).

Carlos Bolsonaro coloca-se, com a anuência do pai, como o segundo homem da República. Carlos foi, desde a campanha eleitoral, o estrategista das redes sociais. O vice-presidente, Hamilton Mourão, na posse, ficou delegado a segundo plano. No dia da posse, Eduardo Bolsonaro explicou por que seu irmão estava no rolls-royce: “Porque ele é o pitbull da família⁵”. A informalidade foi um dos traços da posse. Desde a postura de Carlos Bolsonaro, à vontade no rolls-royce presidencial, ao discurso do presidente, que manteve o tom de campanha e a defesa da pauta conservadora, além de abordar economia, crise econômica, segurança pública, uma de suas bandeiras mais características e relações exteriores.

Carlos Bolsonaro vinha se mostrando personagem de destaque desde a campanha eleitoral. Gerindo as redes sociais do pai, Carlos deu o tom informal que aproximou o então candidato de grande parte da população que se sentiu representada pela alcunha do “mito”.

Após a posse, é Carlos quem dá as cartas nos primeiros meses de governo. A primeira crise foi gerada por ele. Em tuítes, Carlos Bolsonaro desmentiu o ministro Gustavo Bebbiano (Secretaria Geral). Carlos diz que o ministro mentiu ao afirmar que

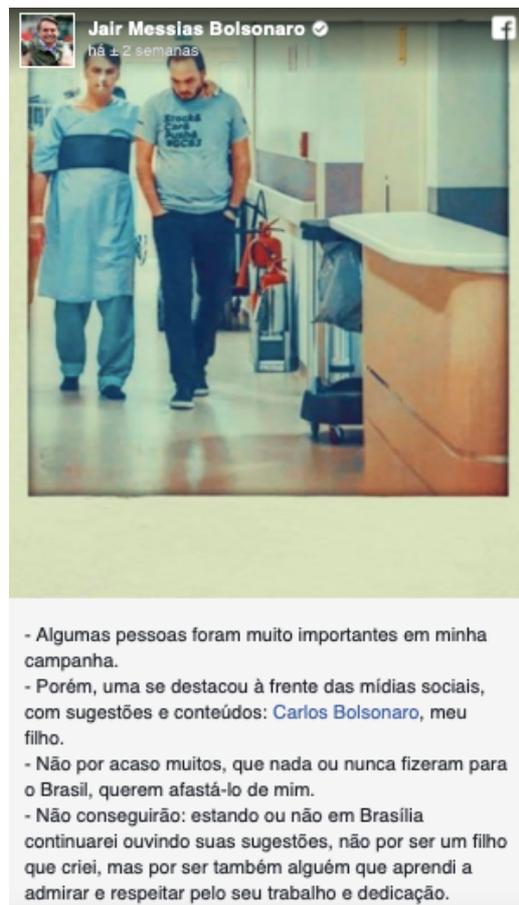
⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/06/pmdb-oficializa-michel-temer-como-vice-na-chapa-de-dilma.html> Acesso em: 15 de março de 2019.

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/eduardo-bolsonaro-diz-que-irmao-foi-no-carro-por-ser-pitbull-da-familia.htm> Acesso em: 6 maio 2019.

falou na para ser demitido por conta de uma denúncia do jornal Folha de S.Paulo. O ministro teria faltado com a verdade ao dizer que conversara com o presidente e que estaria tudo bem em relação às suspeitas de uso de candidaturas laranjas pelo PSL na eleição passada, quando Bebbiano presidiu o partido.

A dureza com que Carlos Bolsonaro tratou Bebbiano deixou claro que ele estava falando em nome do presidente da República. Em 3 de março de 2019, Jair Bolsonaro utiliza as redes sociais para defender seu filho das acusações de que vinha se intrometendo na administração do governo. Através de sua página no Facebook e no Twitter, o presidente lembrou que foi por causa de Carlos que saiu vitorioso na campanha eleitoral de 2018.

Figura 9 – Facebook Jair Bolsonaro



Fonte: Facebook

A influência de Carlos, claramente ultrapassa a rede social. A presença dele no desfile de 1 de janeiro não é uma simbologia de um pai que leva um filho no carro da posse. É uma confirmação de seu poder. Carlos seguiu, com a anuência do pai, ditando as ordens na política brasileira. Soulages (2010) afirma que é a partir do reconhecimento e entendimento das relações que se estabelecem entre os agentes envolvidos no processo de construção da fotografia de retrato que o autor começa a estruturar a tese do “isto foi encenado”, na representação fotográfica. Tese que poderá, segundo ele, ser aplicada não só às pessoas que consentem serem fotografadas, como também àquelas que, anonimamente, são capturadas pelo fotógrafo. Soulages alerta para uma necessária e constante postura de crítica que deve ser estabelecida diante do que a fotografia nos mostra: devemos considerar sempre a existência de uma encenação mesmo que inconsciente, implícita. Nesse ponto, Rancière afirma que tomar a imagem pelo que ela possui meramente de visual significa descontextualizar o complexo jogo de relações que define seu sentido e sua especificidade (Rancière, 2009 a, p.9). A percepção de que hoje há uma saturação das imagens é falsa, pois hoje o que existe é uma pobreza das imagens. Se as imagens midiáticas produzem um domínio ideológico, criando uma ilusão de consenso, a tarefa política atual seria trabalhar a imagem a fim de criar outras possibilidades possíveis de interpretação. Nesse mesmo sentido, Weber (2004) reafirma que a imagem é instauradora de abstrações e concretudes. É o incontrolável. Linguagem aberta e disponível a todos os dialetos e aos argumentos emocionais e racionais, a imagem pública dos sujeitos políticos vai sendo formada, individual e simultaneamente, a partir da combinação das representações visuais e das representações mentais. E como diz Joly (2000, p. 27):

parece que a imagem pode ser tudo e o seu contrário – visual e imaterial, fabricada e natural, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada à vida e à morte, analógica, comparativa, convencional, expressiva, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora.

Considerações Finais

Há histórias feitas a partir de imagens e há imagens que fazem história. Weber (2004) afirma que relações entre mídias, política e sociedade estão na esfera da complementaridade, sendo que a política detém o poder de determinar a vida dos sujeitos e da sociedade e faz isto atuando no limite das paixões e da sua potencialidade subversiva. Este fator inexistente nas mídias que agem dentro de uma conformidade repetitiva. A influência de “Zero Dois” na política trata-se de uma estratégia de comunicação que o presidente endossa dentro da guerra cultural que o campo político propriamente dele, o de extrema-direita, faz desde a campanha eleitoral. Dos três filhos do presidente que atuam na política, Carlos é o que tem a retórica mais beligerante. Isso é uma estratégia que cumpre um papel importante nessa lógica de guerra cultural, típica das redes sociais. Há coisas duras que um presidente não pode dizer. É útil ter quem diga por ele.

Assim, o presidente se preserva (ou deveria), adotando tom mais moderado, como pede o cargo, mas tem um aliado estratégico, no caso, o próprio filho, cumprindo uma função importante dentro do plano de comunicação do governo.

47

Carlos tem protagonizado a cena política brasileira sem chances para um coadjuvante. Despachou no gabinete do pai enquanto esse estava em viagem oficial aos Estados Unidos. Segundo postagem no Twitter estava desenvolvendo "linhas de produção solicitadas pelo presidente Jair Bolsonaro".

“Zero dois” conseguiu irritar o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, que chegou a procurar interlocutores no governo afirmando que era preciso conter Carlos sob o risco de o deputado abandonar a articulação para aprovação de uma das maiores promessas de campanha, a Reforma da Previdência. Tudo porque o filho "zero dois" de Bolsonaro compartilhou, nas redes sociais, a resposta do ministro da Justiça, Sérgio Moro, à decisão de Maia de não priorizar o pacote anticrime, que prevê medidas de combate à corrupção. "Há algo bem errado que não está certo!", escreveu Carlos no Twitter. Acreditar que tudo isso é feito sem a concessão do pai seria desconhecimento do jogo político. Trata-se de uma estratégia de comunicação endossada por Bolsonaro dentro de uma guerra cultural

do nós contra eles, onde o “eles” é sempre um inimigo a ser combatido, e não um opositor. Uma tática específica desenvolvida desde a campanha, onde a polarização PT x PSDB deu lugar à uma disputa de narrativas onde não há mais a preocupação do debate, mas pura e simplesmente confirmar que o outro, o inimigo, está errado. Dos três filhos do presidente que atuam na política, Carlos é o que tem a fala mais beligerante. Isso é uma estratégia que cumpre um papel importante nessa lógica amigo-inimigo. Há coisas difíceis e politicamente complicadas que um presidente não pode e não deve dizer. É útil que haja quem diga por ele. Assim, o presidente se preserva (ou deveria), adotando tom mais moderado (deveria), como pede o cargo, mas tem um aliado estratégico. Nesse caso, “Zero Dois”. A crise de credibilidade que parece atingir o governo Bolsonaro começou com uma interferência pequena, lá na campanha eleitoral. Culmina em menos de cem dias com o isolamento de quem parece não entender ainda que está no posto mais alto do país. A imagem de Carlos no carro, no dia da posse, é, como diria Soulages (2010), a pura “encenação”. Refuta a formalidade do cargo com indiretas por redes sociais. E, quando todos reclamam: “ Está leve demais” – afirma o presidente. – “Pode bater bem mais forte”.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **La Distinction**: Critique Sociale du Jugement. Paris, Minuit, 1979.

_____. “La Représentation Politique: Eléments pour une Théorie du Champ Politique”. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 1986, n. 64, pp. 5-19.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia, Visibilidade na mídia e campo político no Brasil. Dados - **Revista de Ciências Sociais** [en linea] 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21817696006>> Acesso em: 20 fev. 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

_____. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SCHUDSON, Michael. **The Power of News**. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1995.

SOULAGES, François. **Estética da Fotografia**: perda e permanência. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

WEBER, Maria Helena. In: **Comunicação e Política**: conceitos e abordagens. Org: Antonio Albino Canelas Rubim; Salvador : Edufba, 2004.